

## TRIBUTOS

Convite oficial será formalizado na próxima quarta. Com a nomeação, o presidente Lula atenderá a principal reivindicação do PMDB

# Edison Lobão assumirá pasta de Minas e Energia

DANIEL PEREIRA  
DA EQUIPE DO CORREIO

José Varella/CB - 19/10/07



NOME DO SENADOR FOI CONFIRMADO ONTEM, INFORMALMENTE, DURANTE REUNIÃO ENTRE LULA E LÍDERES DO PMDB

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva acertou ontem informalmente com líderes do PMDB, em reunião no Palácio do Planalto, a nomeação do senador Edison Lobão (PMDB-MA) para o comando do Ministério de Minas e Energia. Na próxima quarta-feira, Lula receberá Lobão em audiência, quando formalizará o convite para que integre o primeiro escalão do governo. O roteiro só não será cumprido se até lá um fato novo, como uma denúncia de irregularidade, descredenciar o peemedebista para o posto.

Indicado pelo ex-presidente José Sarney (PMDB-AP), Lobão substituirá Nelson Hubner, que desde maio do ano passado exerce interinamente a função. Homem de confiança da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, Hubner continuará como secretário-executivo da pasta. Pelo menos essa era a tendência ontem. Com a mudança, o presidente atenderá a principal reivindicação do PMDB, detentor das maiores bancadas da Câmara e do Senado.

E, assim, moverá a peça mais importante na operação de flagra para resolver as pendências dos partidos governistas antes de o Congresso começar a analisar, em fevereiro, a proposta de Orçamento da União para 2008 e a medida provisória que aumentou em seis pontos percentuais a alíquota da Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL) cobrada dos bancos. Lobão não fez carreira no setor elétrico.

Por isso, sua indicação é criticada por representantes da iniciativa privada e integrantes do governo, que temem prejuízos na execução de projetos na área, a qual já estaria assombrada pela possibilidade de racionamento. Para resistir aos ataques, o PMDB repetiu diversas vezes ao presidente que o ministro pode ser político, desde que seja auxiliado por quadros técnicos qualificados. Líderes do partido citaram, por exemplo, os casos de José Serra e Antonio Palocci.

Economista, o primeiro se destacou como ministro da Saúde. Médico, o segundo comandou o Ministério da Fazenda na

maior parte do primeiro mandato de Lula, quando recebeu elogios de expoentes do mercado financeiro, da indústria e da oposição. "O ministério é um cargo de representação. Uma pessoa experiente consegue tocar bem", disse o líder do PMDB no Senado, Romero Jucá (RR), depois da reunião com Lula. "Não é o Lobão que fará a ligação elétrica. Ele é um bom gestor", acrescentou.

#### Estatais

A posse do novo ministro desencadeará nomeações para as cobijadas diretorias das estatais do setor elétrico, cujo orçamento para investimento no ano

passado foi de cerca de R\$ 45 bilhões. A bancada do PMDB do Senado, por exemplo, quer retomar o comando da presidência da Eletrobrás, hoje nas mãos do interino Valter Luiz Cardeal, outro soldado da ministra Dilma Rousseff. Já os deputados do partido lutam para emplacar um aliado na diretoria Internacional da Petrobras, cargo ocupado por um petista.

PT e PMDB travam o principal duelo pelo filão do setor elétrico. Cobiçam, entre outros, a presidência da Eletrosul. A disputa é renhida apesar de os dois partidos monopolizarem os principais postos no setor.

## CARGOS COBIÇADOS NO SETOR ELÉTRICO



**Presidência da Eletrobrás:** É exercida interinamente pelo diretor de Engenharia da estatal, Valter Luiz Cardeal, homem de confiança da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. A bancada do PMDB no Senado quer emplacar no posto o ex-presidente da Eletronuclear Flávio Decat. Capitaneado pelo senador José Sarney (AP), o grupo fez lobby anteriormente pelo diretor Administrativo da Eletronorte, Astrogildo Quental.

**Presidência da Eletrosul:** É exercida interinamente pelo diretor técnico da empresa, Ronaldo dos Santos Custódio. A líder do PT no Senado, Ideli Salvatti, quer a nomeação do ex-deputado Jorge Boeira para o posto. Já a bancada do PMDB na Câmara defendia, até o fim do ano passado, o nome do ex-governador Paulo Afonso.

**Presidência da Eletronorte:** Carlos Nascimento exerce a função. O deputado Jader Barbalho (PMDB-PA) quer substituí-lo, por considerá-lo alinhado demais a Dilma Rousseff. A ministra já barrou outras indicações para a estatal feitas pelo parlamentar - entre elas, as do ex-senador Luiz Otávio (PMDB-PA) e do ex-deputado José Priante (PMDB-PA), primo de Jader, para ocupar postos na diretoria.

**Diretoria Internacional da Petrobras:** O ex-líder do PT no Senado Delcídio Amaral (MS) está em campanha para manter Nestor Cerveró no cargo. Enfrenta a pressão da bancada do PMDB da Câmara, que luta pela nomeação do gerente da Petrobras Jorge Zelada.

#### JÓIAS REPARTIDAS NO ANO PASSADO

**Presidência de Furnas:** Depois de cinco meses de pressão sobre o Palácio do Planalto e de emperrar a tramitação da proposta de prorrogação da CPMF, a bancada do PMDB na Câmara conseguiu a nomeação do ex-prefeito Luiz Paulo Conde para o cargo.

**Presidência da BR Distribuidora:** Por decisão da ministra Dilma Rousseff, o ex-senador José Eduardo Dutra (PT-SE) assumiu o posto em substituição a Maria das Graças Fortes, que foi alojada na diretoria de Gás e Energia da Petrobras. Com a mudança, Dilma tirou da estatal seu desafeto e até então diretor Ildo Sauer.

Luiz Tajés/CB - 26/8/96



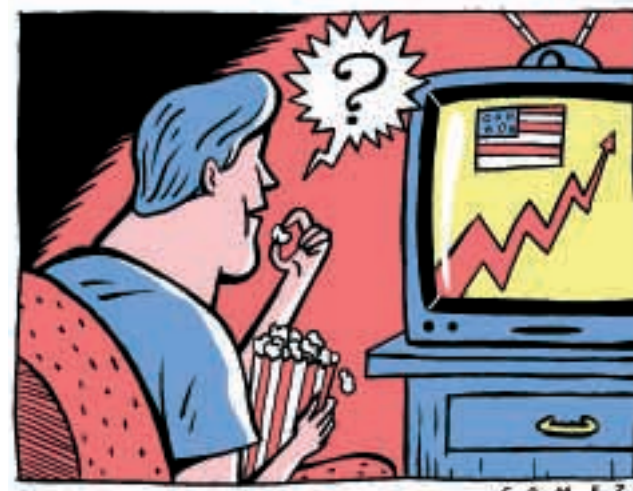
José Varella/CB - 30/6/04



Paulo H. Carvalho/CB - 21/3/06



e-mail alon.feuerwerker@correioweb.com.br



## De onde vêm os Obama

Ninguém sabe até onde pode chegar a candidatura alternativa de Barack Obama, o senador negro de Illinois que convulsiona a indicação dos Democratas para a sucessão de George W. Bush. Postulantes alternativos costumam ter fôlego limitado nos Estados Unidos, país de establishment forte e enraizado. Desta vez, entretanto, parece que a roseira está a balançar com mais força, para usar a expressão de um conhecido. Vamos comprar a pipoca e o refrigerante e sentar na poltrona para assistir.

Não se sabe até que ponto Barack Obama vai, mas sabe-se com certeza de onde ele vem. O movimento contra o statu quo, encarnado na candidatura dele, vem do cansaço sentido nos Estados Unidos diante dos custos de manter o país como uma superpotência, a única aliás. Nasce também, e talvez principalmente, da exasperação do eleitor americano médio diante de um panorama político em que os representantes do povo dançam a música do poder unicamente de acordo com as próprias conveniências. Sejam eles do governo ou da oposição. Nós, o povo, ora bolas, que se dane.

Impossível não associar com o que vai pelo Brasil nas últimas semanas. É só observar a refrega entre o governo e a oposição em torno dos ajustes orçamentários necessários depois da derrubada da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). Vejam se em alguma hora, em algum momento, é possível ter a impressão de que a oposição ou o governo estão em busca de qualquer solução voltada a algum tipo de interesse público. Isso sem falar no Judiciário, cujos próceres só dão as caras para dizer que não têm gordura para cortar.

A impressão é que os nossos políticos e os nossos juizes não estão nem aí para o interesse geral, que só se preocupam com o próprio poder e o próprio conforto. No caso específico dos políticos, o único desejo que transparece é o de atazanar a vida dos adversários. A única obsessão parece ser como chegar à próxima eleição com boas chances de emplacar o seu projeto.

Aqui, um parêntese. Analistas políticos não podem ter o defeito da ingenuidade. Pelo menos não em excesso. Esta coluna não está a tratar dos desejos íntimos dos políticos. O que se discute aqui é a total incapacidade manifestada por eles, pelo menos neste período mais recente, de ao menos simularem que seus movimentos visam a atender alguma ambição que não seja a deles próprios.

Eis um dos segredos do político competente. Buscar incansavelmente os próprios objetivos, enquanto simula desprendimento e dá a impressão de que só tem olhos para as preocupações dos outros. Como dizia o ex-presidente Janio Quadros, o político esperto é como um remador: faz muita força para chegar onde quer, mas sempre de costas para o seu verdadeiro alvo.

A oposição conseguiu derrubar um imposto, a CPMF, razoavelmente justo e cujos recursos estavam comprometidos com gastos sociais, especialmente da Saúde. Até hoje, porém, não se sabe qual é a proposta da oposição para financiar a Saúde e os programas sociais, agora que não existe mais o dinheiro da contribuição.

Já o governo diz que vai cortar no Orçamento Geral da União (OGU), mas preservará os investimentos de interesse político do Palácio do Planalto. Enquanto os congressistas admitem que é preciso enxugar, mas não querem nem saber de mexer na verba reservada para as emendas parlamentares individuais.

E a prometida redução de preços decorrente do fim da CPMF, por causa da ausência do efeito-cascata? Evidentemente que não ocorreu. Nem vai ocorrer, ao contrário do que garantiam os especialistas em "planejamento tributário", que no Brasil virou o outro nome das estratégias de sonegação. Os preços não caíram, mas ficou, é lógico, o abacaxi para o país descascar.

Depois aparece um Barack Obama, como que saído do nada, e deixa todo mundo estupefato. Não há razão para espanto. As condições são propícias. Lá e cá.

**O QUE SE DISCUTE É A TOTAL INCAPACIDADE MANIFESTADA PELOS POLÍTICOS DE, AO MENOS, SIMULAREM QUE SEUS MOVIMENTOS VISAM A ATENDER ALGUMA AMBIÇÃO QUE NÃO SEJA A DELES PRÓPRIOS**